



Ensaio

Boaventura de Sousa Santos

O contrassenso comum

Em 1926, o poeta irlandês W. B. Yeats lamentava: «Falta convicção aos melhores, enquanto os piores estão cheios de apaixonada intensidade.» Esta afirmação é mais verdadeira hoje do que então. Admitamos por hipótese que os melhores no plano pessoal, moral, social e político são a maioria da população e que os piores são uma minoria. Como vivemos em democracia, não nos devia preocupar o facto de os piores estarem cheios de convicções que, precisamente por serem adotadas pelos piores, tenderão a ser perigosas ou prejudiciais para o bem-estar da sociedade. Afinal, em democracia são as maiorias quem governa. A verdade é que hoje se vai generalizando a ideia de que as convicções que dominam na sociedade são as apaixonadamente subscritas pelos piores, e que isso é a causa ou a consequência de serem os piores quem governa. A conclusão de que a democracia está sequestrada por minorias poderosas parece inescapável. Mas se aos melhores falta convicção, provavelmente também eles não estão convictos de que esta conclusão seja verdadeira, e por isso ser-lhes-á difícil mobilizarem-se contra tal sequestro da democracia. Torna-se, pois, urgente averiguar donde vem no nosso tempo a falta de convicção dos melhores.

A falta de convicção é a manifestação superficial de um mal-estar difuso e profundo. Decorre da suspeita de que o que se difunde como verdadeiro, evidente e sem alternativa, de facto não o é. Dada a intensidade da difusão, torna-se quase impossível ao cidadão comum confirmar a suspeita e, na ausência de confirmação, os melhores ficam paralisados na dúvida honesta. A força desta dúvida manifesta-se como aparente falta de convicção.

PARA CONFIRMAR A SUSPEITA teria o cidadão comum de recorrer a conhecimentos a que não tem acesso e que não vê divulgados na opinião publicada, porque também



MARCOS BORGIA

As privatizações podem ou não gerar eficiência. Quase sempre se traduzem em aumentos de tarifas; e as de serviços essenciais traduzem-se na exclusão social dos cidadãos que não podem pagar os serviços

esta está ao serviço dos piores. Vejamos algumas das convicções que se vão tornando senso comum (em itálico) e que, por serem ilusórias e absurdas (comentário em redondo), constituem o novo contrassenso comum:

A desigualdade social é o outro lado da autonomia individual. Só é autónomo quem tem condições para o ser. Para o desempregado sem subsídio, o pensionista empobrecido ou o trabalhador precário, a autonomia é um insulto cruel.

O Estado é por natureza mau administrador. Muitos Estados europeus dos últimos 50 anos provam o contrário. O Estado só é mau administrador quando os que o controlam conseguem impunemente pô-lo ao serviço dos seus interesses particulares por via da corrupção e do abuso de poder. *As privatizações permitem eficiência que se traduz em vantagens para os consumidores.* As privatizações podem ou não gerar eficiência. Quase sempre se traduzem em aumentos de tarifas, seja dos transportes, da água ou da eletricidade. As privatizações de serviços essenciais traduzem-se na exclusão social dos cidadãos que não podem pagar os serviços. Se o privado fosse mais eficiente, as parcerias público-privadas ter-se-iam traduzido em ganhos para o interesse público, o contrário do que tem acontecido.

A distinção entre esquerda e direita já não faz sentido porque os imperativos globais da governação são incontornáveis e porque a alternativa a eles é o caos social. Enquanto houver desigualdade e discriminação sociais (e estas têm vindo a aumentar), a distinção faz todo o sentido. Setores importantes da esquerda (partidos socialistas) caíram na armadilha deste contrassenso comum, e é urgente que se libertem dela. Os «imperativos globais» só não permitem alternativas até serem obrigados a isso pela resistência organizada dos cidadãos.

A política de austeridade visa sanear a economia, diminuir a dívida e pôr o País a crescer. Nos últimos 30 anos, nenhum país sujeito ao ajustamento estrutural conseguiu tais objetivos. Os resgates têm sido feitos no exclusivo interesse dos credores, muitos deles especuladores sem escrúpulos. *Portugal é um caso de sucesso; não é a Grécia.* O maior insulto aos melhores (a maioria) do nosso país. Basta ler os relatórios do FMI para saber o que nos está reservado depois de a Grécia ser saqueada. Os cofres cheios são para esvaziar ao primeiro espirro especulativo. ❏